

COMUNICAÇÃO EDUCATIVA COMO CONCEPÇÃO E METODOLOGIA NOS PROJETOS DO INSTITUTO FORMAÇÃO – ideias experimentadas

Fabio Alessandro Sousa Cabral - Formação¹
Maria Regina Martins Cabral - Formação

Palavras chave: Comunicação Educativa. Tecnologias. Incubadora

1. Introdução

O Formação – Centro de Apoio a Educação Básica, também conhecido como Formação e Instituto Formação é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1999. Tem como missão desenvolver projetos e programas de educação integral integrada ao desenvolvimento territorial orgânico, via investimento em pessoas para transformação de realidades, contribuindo continuamente para a melhoria de vida nos territórios com baixos indicadores sociais, com a compreensão de que não importa onde as pessoas nasçam. Se elas têm oportunidades elas se desenvolvem, bem como em todos os territórios existem potencialidades, por vezes encobertas pela escassez. Sua ação visa contribuir com as políticas públicas.

Em 2003, seus associados decidiram conceber e materializar grandes projetos para impactarem nos territórios mais pobres do Maranhão, usando como estratégia a simultaneidade de ações e adotando o conceito de conjunto integrado de projetos (CIP). Realizou ações simultâneas para gerar impactos, em escala, envolvendo variadas parcerias e financiadores. A concentração e dedicação a essa metodologia gerou exitosos resultados em mobilização, educação, juventude, comunicação, cultura, esporte e desenvolvimento territorial. Seus projetos já alcançaram 15 estados brasileiros e suas metodologias foram irradiadas para outros países das Américas, Europa e África.

¹ Texto refletido pelo coletivo do Formação. Mais informações no site www.formacao.org.br ou nas redes sociais da organização.

A experiência relatada neste texto foi desenvolvida de 2003 a 2020. De 2003 a 2010 as ideias foram materializadas no âmbito do CIP Jovem Cidadão². A partir de 2010, ano de passagem para a IV Revolução Industrial, o Instituto Formação mergulhou ainda mais no universo das novas tecnologias, contudo, com os limites das condições materiais próprias de uma organização sem fins lucrativos.

2. CONSTRUINDO O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA – 2003-2010

A comunicação tem sido uma das estratégias utilizadas nas duas décadas de sua história e tem contribuído para ampliar processos de democratização dos meios de comunicação, sobretudo nos municípios da Baixada Maranhense, onde a organização concentrou de forma mais contundente, na primeira década deste século, a concretização de suas ideias e conceitos construídos.

Todo o trabalho tem sido desenvolvido com a intenção de auxiliar na construção de uma democracia plena, de modo a contribuir para que crianças, adolescentes, jovens e adultos tornem-se de fato agentes transformadores da realidade onde vivem e atuem usando todas as linguagens e ferramentas disponíveis na sociedade. O que não está sendo acessado, busca-se formas de demonstrar caminhos para esse acesso³.

O conceito comunicação educativa começou a ser construído na organização no ano de 2003, quando era planejado o trabalho com juventude a partir das temáticas educação, desenvolvimento orgânico, saúde, comunicação, artes e esporte.

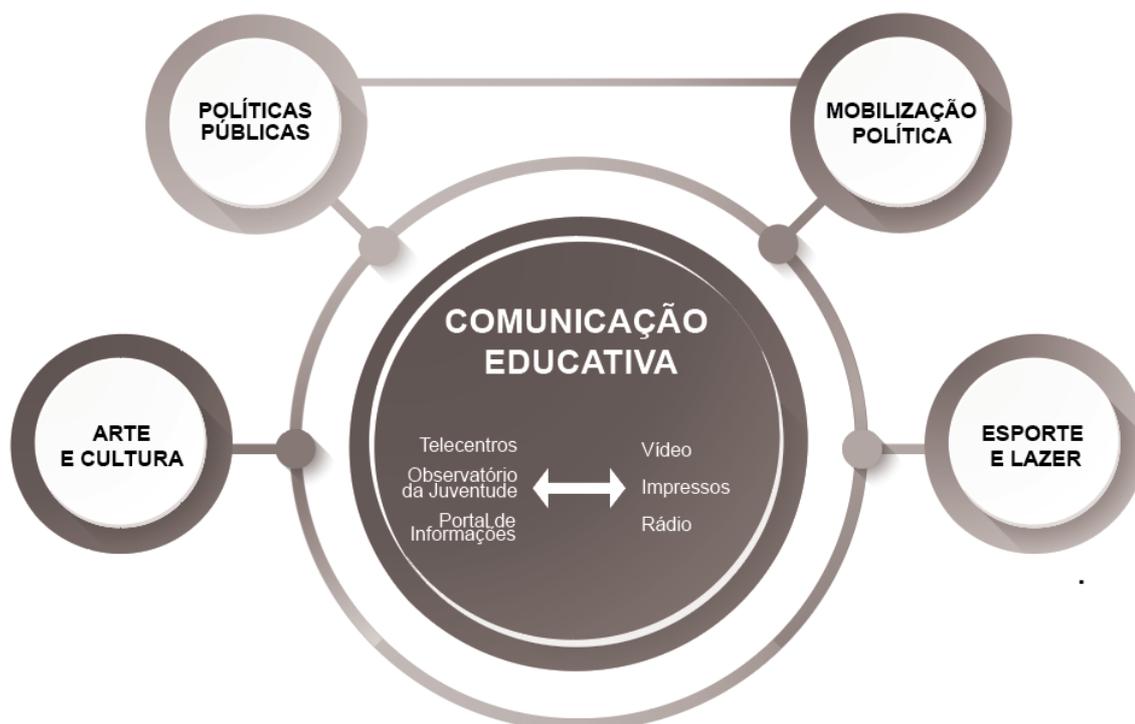
Parece redundante falar em comunicação educativa pelo pressuposto que, em si, uma comunicação já seria educativa. Basta, contudo, olhar para a nova onda das *fake news* para se compreender a importância dessa contundência.

Na figura abaixo, é possível perceber a articulação entre concepção, tecnologias adotadas e objetivos almejados.

² Em 2003, o Instituto Formação escolheu a Baixada Maranhense, território, na época, com os menores indicadores do Maranhão, para desenvolver esse conjunto de projetos, com o objetivo de contribuir para melhorar a realidade das cidades, mediante investimento em jovens que disseminariam conhecimentos em nível local e territorial. O CIP Jovem Cidadão articulou muitas parcerias locais, nacionais e internacionais e desencadeou várias experiências que se transformaram em programas ou políticas públicas, como os Centros de Ensino Médio Integral – pontos de desenvolvimentos de território, os telecentros, fóruns da juventude, EJA Profissionalizante, território campos e lagos e Feiras do Circuito Produtivo.

³ A organização demonstra possibilidades, mas acredita que a universalização do acesso deve ser garantida pelo Estado através de políticas públicas.

**FIGURA 1 – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO
DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA 2003 – 2010**



Fonte: Formação

O diagrama representa a conexão direta que há entre as áreas, a partir da compreensão da formação integral integrada ao desenvolvimento territorial. O pressuposto era investir na formação *omnilateral* dos jovens para eles disseminarem conhecimentos em seus lugares de vida, desvelando a abundância mascarada pela escassez, esta alimentada pelo próprio sistema capitalista.

Nos fundamentos da proposta estavam expressadas ideias como:

1 - a formação técnica não deve possibilitar aos públicos com quem desenvolvia os projetos apenas o conhecimento empírico para o uso mecânico das ferramentas de comunicação;

2 - ampliação do repertório de informações sobre as diferentes áreas e conteúdos para que os estudantes ou jovens participantes de projetos de artes, mídias e tecnologias possam refletir e avaliar quais as informações mais importantes deveriam ser assimiladas, junto com a comunidade e no seu dia a dia;

3 – todo aprendizado deve contribuir para um exercício autônomo no uso e produção das tecnologias e dos conhecimentos e, na área da arte, para produção e fruição das manifestações culturais mais populares, tradicionais, clássicas, eruditas.

2.1 ESTRATÉGIAS E AÇÕES

No período de 2003 a 2010 essas ideias foram concretizadas por meio de algumas estratégias e ações:

Estratégia 1 – Organização de Fóruns da Juventude⁴ – em dez cidades da Baixada.

Ação 1 – Mapeamento de organizações juvenis

Ação 2 – Articulação de organizações juvenis

Estratégia 2 – Mapeamento de interesse da juventude na área de artes, mídias e tecnologias.

Ação 1 – Realização de oficinas de teatro, dança, música, jornalismo – produção de impressos, audiovisual, radiodifusão

Ação 2 – Programa de formação em comunicação educativa

Ação 3 – Programas de rádio

Ação 4 – Produção de vídeos

Ação 5 – Produção da Revista COR

Estratégia 3 – Instalação de espaços / estruturas e agendas culturais.

Ação 1 – Instalação, com *softwares* livre e *thin clients*, de 13 telecentros⁵, com 100 pontos de internet.

2.2. DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

Oficinas de mapeamento de interesse

Foram realizadas vinte e uma oficinas entre 2003 e 2004, envolvendo 404 jovens de dez municípios.

⁴ Esses Fóruns não são eventos, mas organizações juvenis mobilizadas e articuladas com contínua agenda de atuação no território, com espaço físico próprio.

⁵ 10 Telecentros administrados por Fóruns da Juventude e 3 telecentros nos Centros de Ensino Médio – Pontos de desenvolvimento de território.

QUADRO 1 – ROTEIRO DE OFICINAS DESENVOLVIDAS

Município(s)	Oficina(s)	Data	Participantes	Resultados Práticos de cada Oficina
Matinha	Oficina de rádio I	29/ 01/ 2004	19 jovens de dois municípios.	Discussão sobre o que é e como queremos fazer comunicação. Princípios de rádio comunitária e o papel dela na comunidade.
São João Batista	Oficina de revista I	22 /11/ 2003	19 jovens de 6 municípios.	Discussão sobre o que é como queremos nossa revista.
São Vicente Férrer	Oficina de revista II	13 e 14/ 12/ 2003	16 jovens de 6 municípios.	Montagem de um jornal mural e definição de pautas para a revista.
Olinda Nova do Maranhão	Oficina de revista III	23 e 24/ 01/ 2004	29 jovens de 8 municípios.	Reflexões sobre o andamento do trabalho. Montagem conselho editorial. Eleição nome da revista.
Penalva	Oficina de revista IV	12 / 01/ 2004	14 jovens de 8 municípios.	Último prazo para a entrega dos materiais. Definição do editorial da revista
São Luís	Oficina de revista V	13 e 14/ 03/ 2004	7 jovens de 5 municípios	Concepção visual de logotipo, capa e ilustrações da revista COR.
Penalva	Lançamento da Revista	02/ 04/ 2004	Centenas de jovens que participaram do encontro.	Lançamento do primeiro número da revista COR
Santa Inês	Oficina de vídeo I	14 e 15/ 02/ 2004	43 jovens	Apresentação da idéia da oficina. Discussão sobre o que queremos com um programa de tv.
Santa Inês	Oficina de vídeo II	27 e 28/ 02/ 2004	27 jovens	Gravação de um primeiro programa piloto.
Santa Inês	Oficina de vídeo III	13 e 14/ 02/ 2004	27jovens	Gravação de um segundo programa piloto.
São Vicente Férrer	Oficina de rádio	29/ 01/ 2004	19 jovens de três municípios.	Discussão sobre o que é e como queremos fazer comunicação. Princípios de rádio comunitária e o papel dela na comunidade.
São Bento	Oficina de rádio II	18/ 01/ 2004	16 jovens	Montagem de um programa piloto para ser gravado na rádio
São Bento	Oficina de rádio III	31/ 01/ 2004	12 jovens	Gravação do programa piloto
Matinha	Oficina de rádio II	21/ 01/ 2004	15 jovens	Montagem do programa piloto.
Matinha	Oficina de rádio III	05/ 02/ 2004	14 jovens	Gravação programa piloto
Palmeirândia	Oficina de rádio comunitária I	01 e 02/ 05/ 2004	30 jovens	Discussão sobre o que é e como queremos fazer comunicação. Princípios de rádio comunitária e o papel dela na comunidade.
Palmeirândia	Oficina de rádio comunitária II	05 e 06/ 06/ 2004	13 jovens	Montagem do programa piloto.
Palmeirândia	Oficina de rádio comunitária III	17 e 18/	10 jovens	Gravação programa piloto
Penalva	Oficina de rádio comunitária I	10 e 11/ 07/2004	24 jovens	Discussão sobre o que é e como queremos fazer comunicação. Princípios de rádio comunitária e o papel dela na comunidade.
Matinha	Seminário sobre rádio comunitária e juventudes.	10/ 06/ 2004	50 jovens	Fomentar e ampliar a discussão sobre o que é democratização da informação. Discutir o papel da rádio comunitária para a comunidade. Introduzir uma perspectiva educativa para a comunicação. Troca de experiências entre os jovens comunicadores

A realização dessas primeiras oficinas diagnosticadoras do interesse dos jovens e orientadoras do trabalho da organização seguiu três caminhos diferentes:

- 1 - as oficinas de rádio foram realizadas a partir da demanda das organizações juvenis dos municípios;
- 2 - a oficina de produção da Revista COR foi realizada de forma integrada, ou seja, contou com a participação de quase todos os municípios abrangidos pelo projeto;
- 3 - a oficina de vídeo nasceu a partir de um espaço na programação oferecido por uma emissora de TV em Santa Inês, sendo realizada nessa cidade, contemplando apenas os jovens desse município.

As oficinas seguiram pautas que tratavam de conteúdos comuns de formação, para as três diferentes áreas: rádio, vídeo e revista. Porém, esses conteúdos eram apresentados em momentos diferentes, dependendo da data da realização de cada oficina, quando seria muito mais simples e provocador discutir esse conteúdo de uma forma mais ampla e com todos os atores ligados a comunidade educativa⁶.

Esses vinte e um momentos de formação (que quase sempre foram realizados em um final de semana) poderiam significar, caso fosse possível reunir todos esses jovens num só local, vinte e uma reuniões com conteúdos diferentes e cada vez mais aprofundados sobre Comunicação, na perspectiva educativa, que permitiu um primeiro momento de acúmulo de conhecimentos bem maior e igual entre os jovens dos dez municípios.

II. PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

A partir das oficinas realizadas no primeiro ano, organizou-se a área de comunicação educativa a partir de conteúdos relacionados com Vídeo, Impressos e Rádio – que gerou a síntese conceitual VIR; e com os conteúdos dos Telecentros, Observatórios e Portais na Internet – com a síntese TOP.

Em 2005, inicia-se outro formato de Programa de Formação em Comunicação Educativa. Desenvolvemos uma grade curricular com conteúdos conceituais, instrumentais e atitudinais, redimensionando a proposta das oficinas preliminares. Passamos a trabalhar no sentido de realmente elaborar uma base comum de conteúdos para a formação educacional de todos os adolescentes e jovens comunicadores, independente da área em que cada um estivesse envolvido (TOP ou VIR).

⁶ Esse conceito “comunidade educativa” também foi trabalhado pelo Instituto Formação. Sempre partindo de uma comunidade de secretários, ou de jovens, ou de professores ou mesmo do território. Essa comunidade participando de programas de formação, planejamento de políticas, desenvolvimento de projetos, realização de ações coletivamente.

Concomitante à formação geral, a partir dessa base comum de conteúdos, os adolescentes e jovens também tiveram momentos de formação específica, voltados para as áreas escolhidas. Assim, os que fizessem parte da área de Impressos, por exemplo, trabalhavam com conceitos e prática de editoração eletrônica e design; os da área de Vídeo, com técnicas de filmagem e edição; os da área de Rádio, com operação de áudio, locução; e os do TOP com suas especificidades.

Uma grande vantagem desse trabalho integrado foi que todos os municípios participaram simultaneamente das ações de comunicação, sem que uma cidade fosse “atendida prioritariamente” em “detrimento” da outra. Isto porque, na formação ao longo do primeiro ano de ações na Baixada Maranhense, nem todas as demandas de todas as cidades foram atendidas, ou seja, não foi possível realizar oficinas em alguns municípios, ou simplesmente dar continuidade ao trabalho que começou a ser desenvolvido em determinada cidade, isso por conta do excesso de ações que foram implementadas durante o período, o que muitas vezes inviabilizou datas para a realização dos trabalhos, ou a presença de um educador em mais de um lugar.

Os comunicadores adolescentes e jovens passaram a experimentar / aplicar o conteúdo apreendido nos programas de formação como “catalisadores”, “antenas” captando o que acontecia de interessante na região e que contribuía para a qualidade de vida da população.

Foram organizados dois programas mais densos, de dois anos cada: 2005-2006; 2007-2008. O período de formação previsto na primeira edição foi dividido em quatro módulos de seis meses. Cada encontro realizado mensalmente tinha uma carga horária de 16h. Ao final de cada módulo tivemos 96h de atividades presenciais, o que em dois anos representou uma carga horária total de 384h (ver tabela abaixo). A cada seis meses foi realizado um grande Encontro Regional sobre Comunicação Educativa, com os jovens comunicadores dos dez municípios, que contava como atividade presencial na formação.

QUADRO 2 - ORGANIZAÇÃO DOS MÓDULOS PRESENCIAIS DA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EDUCATIVA MÓDULOS I E II

Módulo I						Módulo II					
2004	2005					2005					
DEZ Etapa 1	JAN Etapa 2	FEV Etapa 3	MAR Etapa 4	ABR Etapa 5	MAI Etapa 6	JUN I Encontro Regional Etapa 7	JUL Etapa 8	AGO Etapa 9	SET Etapa 10	OUT Etapa 11	NOV Etapa 12
16h	16h	16h	16h	16h	16h						

Fonte: Formação

QUADRO 3 - ORGANIZAÇÃO DOS MÓDULOS PRESENCIAIS DA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EDUCATIVA MÓDULOS III E IV

Módulo III						Módulo IV					
2005	2006					2006					
DEZ Etapa 13	JAN Etapa 14	FEV Etapa 15	MAR Etapa 16	ABR Etapa 17	MAI Etapa 18	JUN I Encontro Regional Etapa 19	JUL Etapa 20	AGO Etapa 21	SET Etapa 22	OUT Etapa 23	NOV Etapa 24
16h	16h	16h	16h	16h	16h						

Fonte: Formação

QUADRO 4 - ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

CONTEÚDOS CONCEITUAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação - Linguagem - Design - Arte 	<ul style="list-style-type: none"> - Elementos linguísticos e psicológicos - Ética - Ecologia humana - Educação ambiental
CONTEÚDOS INSTRUMENTAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Montagem e manutenção de computadores - Aplicativos gráficos, editores de texto e de web 	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) - Metodologia científica - Elaboração de projetos - Pesquisa e extensão

Fonte: Formação

A formação não consistiu apenas nesses momentos presenciais, mas também fora feita a partir de trabalhos de campo (atividades não-presenciais), que vão desde o mapeamento dos meios de comunicação de cada município até a produção de roteiros para vídeo e programas de rádio, elaboração de matérias etc. Esses trabalhos de campo foram o embrião para o nascimento dos programas de rádio, produção de vídeos e matérias para a Revista COR e outros impressos.

Com a implantação dos Telecentros abriram-se as portas de um dos mais importantes canais de comunicação para adolescentes e jovens maranhenses, facilitando o acompanhamento das atividades não presenciais, além de ampliar os espaços de discussão do trabalho.

As atividades realizadas durante a formação em Comunicação Educativa não envolveram apenas os profissionais da área de comunicação do projeto. Outros educadores puderam participar em momentos diferentes da formação, quando a

demanda assim exigia. Por exemplo, um especialista em produção de texto poderia organizar uma etapa da formação para os jovens das quatro áreas; um especialista na área de música do projeto podia trabalhar com os jovens de rádio, sobre a história da música.

Na construção do conceito e das estratégias nesse período passou a ser adotado de fato o conceito de Comunicação Educativa para as ações que foram desenvolvidas desde então. Nessa nova etapa, o objetivo foi ainda mais contundente e não apenas a instrução técnica dos jovens para trabalharem em programas de rádio, revista ou vídeo e para mapeamento de interesses.

Mais do que nunca, o trabalho consistiu numa formação ampla que permitiu ao adolescente e jovem compreender a realidade em que vivia. Para isso, eles precisaram ressignificar seus conhecimentos a partir de leituras críticas do real, preparando-se para assumirem o papel que lhes cabia na transformação sócio-econômica e político-cultural da região em que vivem, em prol do desenvolvimento local sustentável.

Mediante incentivo, por exemplo, os jovens:

- a) produziram vídeos que contam a história das organizações juvenis de seus municípios - o que fortaleceu a mobilização política;
- b) fizeram cobertura dos eventos de outras áreas;
- c) realizaram o Projeto Mediação numa ação integrada de programas de comunicação educativa com esporte educativo.

Da mesma forma, uma ação ou campanha desenvolvida na área da saúde e ecologia humana poderia ser divulgada através de folders, cartazes e faixas produzidos pelos jovens que fazem a oficina de Impressos. Já os programas de rádio pautaram e ainda pautam discussões sobre os circuitos produtivos, explicando à população o seu significado, estimulando a participação da comunidade na feira de artes e cultura do município, por exemplo.

III. REDE DE JOVENS COMUNICADORES

Na concepção original do trabalho com comunicação educativa estava a criação de uma Rede de Jovens Comunicadores envolvidos em processos de formação. Essa rede foi efetivamente articulada e se fortaleceu com os programas de formação e a implantação dos Telecentros, administrados pelos Fóruns da Juventude, em cada cidade. Cada Fórum tinha uma sede conquistada junto ao poder público local.

A Rede de Jovens Comunicadores da Baixada contribuiu para o fortalecimento das organizações juvenis nessa região e disseminou a metodologia para fora desse território. Posteriormente, através do Projeto Adolescentes Mobilizados Pró-Selo (parceria com o UNICEF), foram incentivados observatórios dos adolescentes e jovens nas cidades, via os mais de 60 blogs que criaram e administraram. Os jovens blogueiros integraram a Rede de Jovens Comunicadores.

3. CONTEÚDOS E PROGRAMAS TRABALHADOS NA REDE DE JOVENS COMUNICADORES

1. TELECENTROS (pessoas, salas, computadores, internet, site)

Locais de comunicação à distância com as diferentes organizações juvenis utilizando do conhecimento conceitual (comunicação, *design*, gestão etc) e instrumental (técnicas, equipamentos, programas, etc).

Foram implantados com *thin clients* e *softwares livres*. Funcionaram integrados aos Fóruns da Juventude e aos Centros de Ensino Médio e Educação Profissional (CEMP).

QUADRO 5 - TELECENTROS INSTALADOS NO PERÍODO

Telecentro	Responsáveis pela gestão
Arari	Fórum da Juventude
Arari EFA	Comunidade Manoel João
Belagua ⁶⁶	Fórum da Juventude
Maracana	Instituto Formação
Matinha	Fórum da Juventude
Olinda Nova	Fórum da Juventude
Palmeirandia	Fórum da Juventude
Penalva	Fórum da Juventude
Peri Mirim	Instituto Formação
São Bento	CEMP
São João Batista	Fórum da Juventude
Palmeirandia	Fórum da Juventude
Palmeirandia	CEMP
Santa Inês ⁶⁷	Fórum da Juventude e Secretaria de Educação

Fonte: Formação

⁷ Telecentro instalado fora do território da Baixada Maranhense.

⁸ Telecentro instalado fora do território da Baixada Maranhense

4. PORTAL DE INFORMAÇÕES (PESSOAS, SITE)

Os adolescentes e jovens comunicadores foram sistematicamente incentivados a pesquisar, analisar, avaliar e divulgar eventos, seminários, cursos, palestras, oficinas, exposições, mostras, enfim, quaisquer oportunidades que servissem para se inteirarem do que acontece na região onde vivem e entorno e possibilitassem armazenar e socializar informações sobre trabalho, juventude e políticas públicas, mediante o uso de diversas modalidades de comunicação educativa, sempre visando à elevação do nível de conhecimento pessoal e coletivo.

5. OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE (PESSOAS, SITE)

Diferentes blogs temáticos difundiram dados de caráter informativo, do ponto de vista técnico e científico, garantindo aos jovens o acesso às fontes de informação mais atualizadas e mais completas para sua formação e qualificação permanente. Tanto o Observatório quanto o Portal funcionaram vinculados aos Telecentros, enquanto espaços virtuais para manter sua mobilização e fortalecer sua articulação nos Fóruns da Juventude.

6. VÍDEO

O primeiro passo foi possibilitar aos jovens uma compreensão do real a partir daquilo que é visto nas emissoras de TV, ou seja, refletir sobre a atual programação da televisão. Outro passo importante foi discutir sobre a concentração das concessões de tv nas mãos de poucos e a importância da sua democratização. A partir desse entendimento, foram feitas releituras do papel da linguagem audiovisual na construção de uma comunidade educativa, potencializando a produção de vídeos, documentários e programas que fortalecessem a causa do desenvolvimento local. Trabalharam na montagem de roteiros de programas, técnicas de filmagem, edição, produção, direção de fotografia, direção de artes, direção geral e etc.

7. RÁDIO

O rádio tem sido uma ferramenta poderosa presente em quase todos os lares, no entanto - assim como as emissoras de tv – as emissoras de rádio possuem donos que utilizam esses canais de comunicação de forma a manipular e influenciar a população a partir de interesses político-econômicos de uma classe dominante. A proposta era a de formar jovens capazes de refletir sobre o conteúdo dessas programações, que vão de informações muitas vezes tendenciosas, até a execução de músicas que atendem apenas aos interesses da indústria cultural e muitas vezes reforçam costumes e padrões duvidosos, sendo assim importante criar condições para que os adolescentes e jovens compreendessem e refletissem sobre essa realidade e deixassem de ser meros reprodutores do pensamento dominante. Além

dessas discussões, eles aprendiam na prática a montar roteiros de programas, construção de pautas para entrevistas, técnicas de locução, operação de áudio, etc.

8. IMPRESSOS

A área de Impressos passou a ser utilizada não só mediante a produção da Revista COR, mas como necessidade de produção de informativos, jornais, folders, cartazes etc.

A área de impressos trabalhou com os mesmos princípios de Vídeo e Rádio. Realizaram pesquisas, entrevistas, reportagens com base na análise crítica das informações divulgadas. Foram utilizados diversos suportes para transmissão da Comunicação Educativa – Revista COR, boletins, jornais e informativos estudantis e comunitários, folders, cartazes e *outdoors* para campanhas promocionais de eventos educativos etc.

QUADRO 6 - COMPARATIVO DE ATENDIMENTOS

Ano	Ações	Público atingido diretamente
2003/2004	Rádio, Vídeo e Impressos	185 jovens
2004/2006	Rádio, Vídeo e Impressos	220 jovens

Fonte: Formação

Todos os espaços estruturados para funcionamento de ações de comunicação educativa tinham a mesma identidade visual, que seguia as cores da logo que representava essa área de atuação.

Figura 2 – Logo do conceito



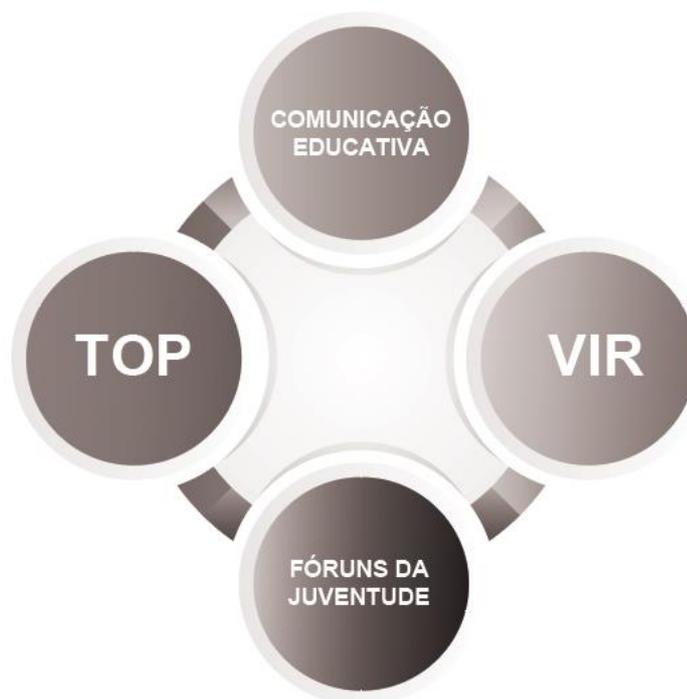
O símbolo elaborado em 2004 é baseado na concepção da comunicação global (esfera) que envolve a comunidade educativa.

CONSTRUINDO O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA - 2010 - 2020

Os trabalhos desenvolvidos no período de 2003 a 2004 na área da comunicação educativa contribuíram com as mais diversas áreas estratégicas e núcleos dos projetos da organização, de modo particular o CIP Jovem Cidadão⁹. Os mapeamentos, os programas de formação, as articulações em fóruns da juventude e rede de jovens comunicadores fomentaram, fortaleceram e alimentaram a estruturação de novas organizações e negócios criativos na Baixada Maranhense.

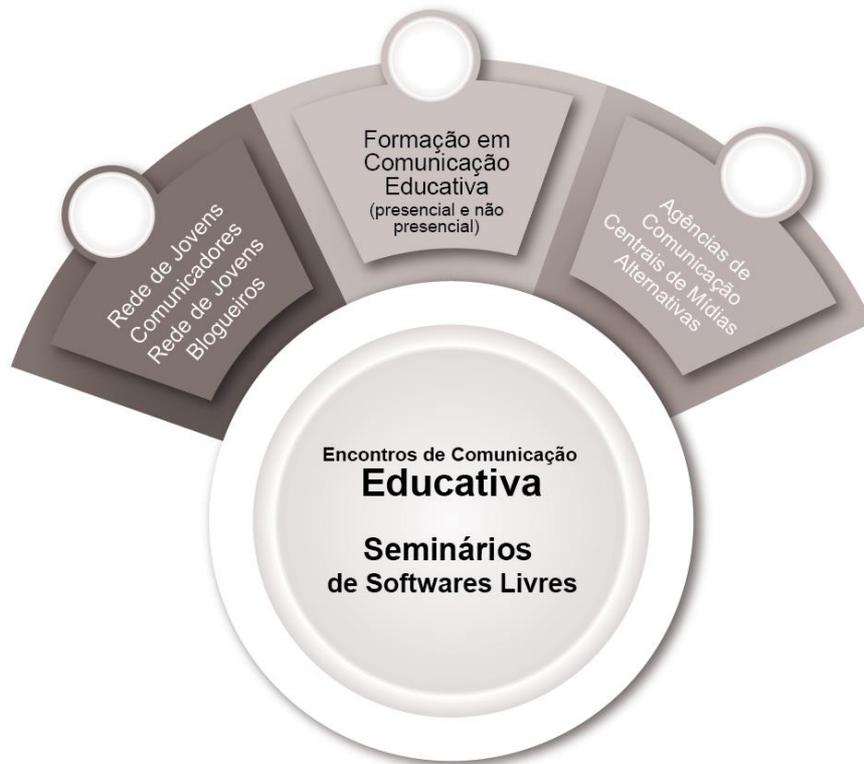
A seguir, está desenhada a estrutura resultante das ações iniciais e que foram fortalecidas com a incubação das agências de comunicação, das centrais de mídias e com a ampliação da Rede de Jovens Comunicadores pelos adolescentes blogueiros. Na continuidade dos trabalhos, também houve investimento na área de audiovisual, com os projetos: maranime, central de mídias e ilha em edição.

FIGURA 3 – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA – NO FINAL DO PRIMEIRO CICLO.



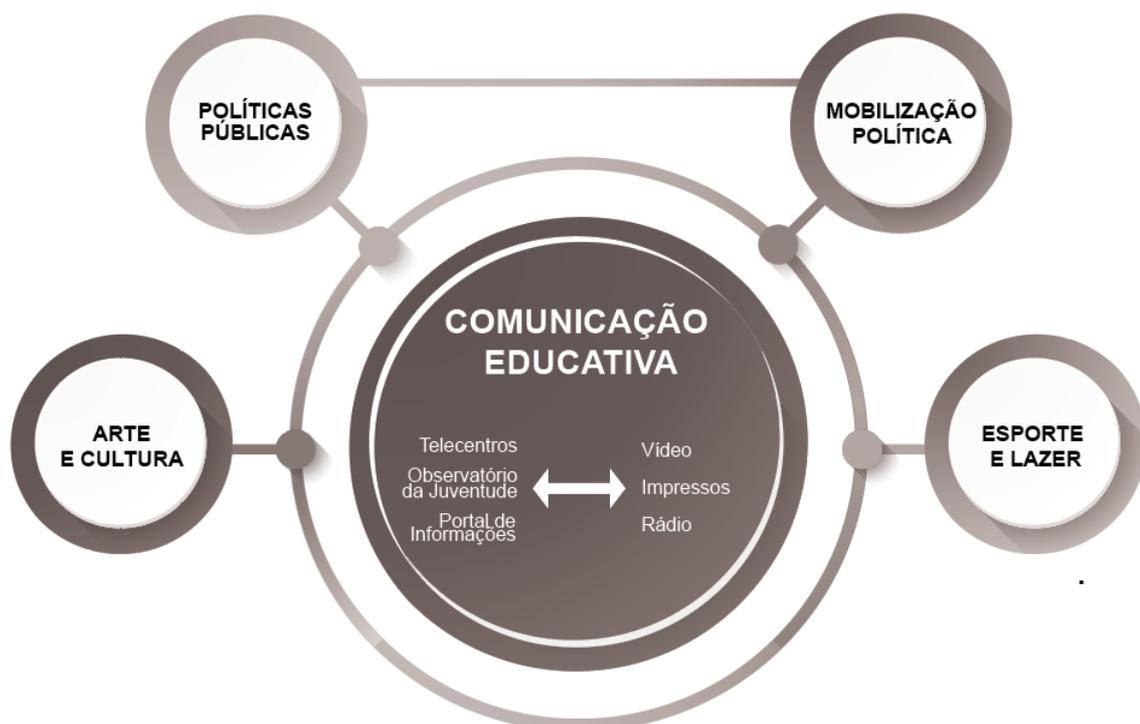
Fonte: Formação

⁹ CIP significa conjunto integrado de projetos. Em 2003, o Instituto Formação escolheu a Baixada Maranhense, território, na época, com os menores indicadores do Maranhão, para desenvolver esse conjunto de projetos, com o objetivo de contribuir para melhorar a realidade das cidades, mediante investimento em jovens que disseminariam conhecimentos em nível local e territorial. O CIP Jovem Cidadão articulou muitas parcerias locais, nacionais e internacionais e desencadeou várias experiências que se transformaram em programas ou políticas públicas, como os Centros de Ensino Médio Integral – pontos de desenvolvimentos de território, os telecentros, fóruns da juventude, EJA Profissionalizante, território campos e lagos e Feiras do Circuito Produtivo



Essa figura é ao mesmo tempo conclusão de um ciclo (2003 a 2010) e início de outro (2010 a 2020). Em 2010, houve um seminário de avaliação de dez anos da história da organização que acrescentou novas estratégias e novos desenhos em seu trabalho com comunicação educativa.

FIGURA 4 - ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA 2010 – 2020



A principal estratégia dos últimos dez anos foi a incubação de ideias, projetos e tecnologias na área de artes, mídias e tecnologias.

a. Incubadora de Artes, Mídias e Tecnologias

A incubadora nasce com o objetivo de horizontalizar concepção e verticalizar conhecimento de projetos. O público prioritário continuou sendo constituído pelos jovens. O propósito era possibilitar aos mesmos, simultaneamente:

- conteúdos da cultura geral;
- conhecimentos gerais profissionalizantes de curso específicos; e
- conhecimento específico a partir de uma ideia que, ao ser incubada, se transformaria em um projeto ou negócio.

Três eixos de conteúdos foram definidos para delimitar a incubação:

1) COMUNICAÇÃO EDUCATIVA E MÍDIAS: vídeos, impressos e rádios (VIR) – com produção, divulgação e premiação.

2) ARTE E CULTURA 1: AUDIOVISUAL, CINEMA e ANIMAÇÃO: produção e divulgação.

3) ARTE E CULTURA 2: TEATRO, MÚSICA, DANÇA, CIRCO (produção cultura, iluminação, figurinos, cenários, fruição).

Principais projetos incubados:

NA ÁREA DAS ARTES

- a) Oficinas de Teatro, Dança e Música (10)
- b) Feiras de Arte e Cultura nos municípios (12)
- c) Mostras de Música da Juventude (04)
- d) Festivais de Teatro e Dança (02)
- e) Montagem de espetáculos produzidos na região (18)
- f) Companhias de Teatro e/ou dança (07)

NA ÁREA DAS MÍDIAS E TECNOLOGIAS

- a) Telecentros (13)
- b) Eventos de Software Livre (03)
- c) Programas de rádio comunitária nas cidades (03)
- d) Revista Cor (06 números)
- e) Campanhas educativas (Diga Não ao Trabalho Escravo e Nenhum a Menos na Escola)
- f) Rádio em Olinda Nova (01)
- g) Agências de Comunicação (05)
- m) Cinema (01)
- n) Rádio-escola (02)

SISTEMÁTICA PARA INCUBAÇÃO DE PROJETOS.

O processo de incubação de projetos compreende três etapas para o seu desenvolvimento, execução e avaliação.

PRIMEIRA ETAPA:

Seminários de Ideias
Elaboração de Projetos
Negociação

SEGUNDA ETAPA:

As Incubadoras disponibilizarão aos projetos incubados:

1) Infra-estrutura (sala, computador, internet, material de escritório):

- na sua sede,
- no Espaço Maracanã
- no Parque Agroecológico Buritirana;
- em espaços comunitários;
- nos Fóruns da Juventude.

2) Apoio para realização de estudos, pesquisas e intercâmbios.

3) Assessorias, de acordo com a especificidade do projeto incubado.

4) Processos de formação para verticalização de conhecimentos técnicos.

5) Formação gerencial e estratégica.

6) Orientação sobre leis de incentivo, linhas de financiamento, fomento e redes.

7) Assessoria e suportes de comunicação.

8) Banco de tecnologias sociais e do circuito cultural.

TERCEIRA ETAPA:

Desta etapa participam os projetos que avançam na sua implementação, mediante subsídios de infraestrutura e custeio inicial, prosseguindo pela captação de financiamento, via sistema de microcrédito ou outras modalidades existentes no país.

Após a primeira e segunda etapas de execução, o projeto continua com assessoria técnica, de acordo com as especificidades de cada projeto, garantindo-se um acompanhamento constante e sistemático, para que se ampliem as possibilidades de produção de resultados satisfatórios.

B. A ÁREA DE AUDIOVISUAL

Desde 2003, a organização fomenta iniciativas de democratização da cultura audiovisual em comunidades de baixa renda no Maranhão. Essas ações são desenvolvidas a partir de dois preceitos considerados básicos pela organização: a democratização do acesso as ferramentas audiovisuais e o processo formativo crítico de adolescentes e jovens dessas comunidades para a produção de obras de gênero.

Os resultados ao longo de duas décadas de trabalho podem ser mensurados a partir de um conjunto de produções nas mais variadas linguagens: animações, curtas, média-metragem, documentários. Grande parte desse acervo foi publicada em DVD ou está disponível na internet (maranime.wordpress.com), ou em canais do YouTube, sendo que alguns desses trabalhos foram premiados em festivais de cinema.

As novas tecnologias, especialmente a internet, embora barateiem os custos de produção e difusão do conteúdo - especialmente no que diz respeito as obras audiovisuais ainda não são uma realidade para a maioria dessas comunidades, que possuem baixos índices de inclusão digital, e pouca oferta gratuita de acesso a rede de computadores.

É preciso pensar que o acesso as ferramentas de baixo custo não devem inviabilizar o contato das populações com ferramentas mais avançadas, oportunizadas apenas para uma pequena elite da população.

Por tudo isso promover a democratização das ferramentas de produção audiovisual e do conhecimento são dois passos fundamentais para se modificar essa realidade e possibilitar a crianças, adolescentes e jovens que vivem em territórios mais pobres o direito a comunicação, que nos dias de hoje ultrapassa o direito a comunicação interpessoal e passa a ser também direito a comunicação mais midiática, presente no cotidiano de cada um, além do direito à arte e à cultura.

Na prática, o direito a comunicação, a arte e à cultura, embora seja universal e de todos, é negado para a maioria da população, especialmente aquelas que estão mais distantes dos centros urbanos.

PROJETOS:

I. ANIMAÇÃO - MARANIME

O Projeto Maranime concebido e coordenado pelo Instituto Formação teve até o momento três edições e tem como objetivo principal a consolidação de um circuito de produção e exibição de filmes de animações maranhenses, de modo itinerante, abrangendo produções de jovens envolvidos em projetos sociais, visando democratizar a cultura audiovisual de comunidades que apresentam baixos indicadores sociais.

Os projetos Maranime tem como objetivos: fomentar a cultura de audiovisual – animação; fortalecer a educação integral nas escolas; contribuir para a agenda cultural de audiovisual no estado; possibilitar a jovens produtores acessos a grandes produções e profissionais do circuito nacional e internacional. Alguns dos produtos desse projeto em todas as suas edições são: oficinas de animação nas escolas e em espaços dos Fóruns da Juventude, festivais maranhenses de animação, mostras itinerantes de animação em escolas, circuito de produção de animação.

II. AUDIOVISUAL - BAIXADANIME

Esse projeto consolidou um circuito de animação em cidades da Baixada Maranhense, a partir da realização de oficinas ministradas por jovens comunicadores.

III. CENTRAL DE MÍDIAS

O Formação em 2010 concebeu o projeto Central de Mídias em dois formatos – itinerante e instalado em sua sede. Este projeto visa apoiar organizações de juventude na área da comunicação e das novas tecnologias, possibilitando ferramentas e conteúdos técnicos aos jovens. Um dos desdobramentos deste projeto é a ação QUE CIDADE QUEREMOS, com instalação da Central em determinado lugar para ouvir a população e depois, essas auscultas serem transformadas em materiais de comunicação educativa.

IV. ILHA EM EDIÇÃO

O Projeto “Ilha em Edição” implantou um Núcleo Popular de Produção, Formação e Difusão Audiovisual, com o objetivo de democratizar o acesso e a produção audiovisual para jovens de comunidades rurais e periféricas, que atuam como porta-vozes dessa realidade, através de uma reflexão crítica sobre os reais problemas e potencialidades da região, possibilitando uma produção e edição mais próxima do real, sem cortes, que possibilitaram a esses moradores serem, também, sujeitos de sua história.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Maria Regina Martins. Experiências de Ensino Médio Integrado: Centro de Ensino Médio e Educação Profissional (CEMP) p. 139-162. In: REGATTIERI, et al. (org.). Ensino médio e educação profissional: desafios da integração. 2.ed, Brasília: UNESCO, 2010. 270 p. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001923/192356por.pdf>
- _____. & ROSAR, Maria de Fatima Felix. Construindo com os jovens um novo ensino médio e educação profissional na região dos lagos- Baixada Maranhense. In Revista Pedagogia Cotidiano Resignificado, no 1, Editora Central dos Livros, São Luis, 2005.
- _____; ROSAR, M. F. F. Educação para o Desenvolvimento do Território dos Campos e Lagos Maranhenses - Experiência dos Centros de Ensino Médio e Educação Profissionalizante. Revista Pedagogia Cotidiano Resignificado. , v.3, p.119 - 146, 2008.
- _____. & ROSAR, Maria de Fatima Felix (org.). Ensino Médio e Educação Profissional no Maranhão. Editora Central dos Livros, São Luís, 2004.
- _____. & ROSAR, Maria de Fatima Felix (org.). Projeto Jovem Cidadão. Editora Central dos Livros, São Luís, 2005.
- _____.; ROSAR, M. F. F.; ROSAR, O. O.; VASCONCELOS, P. S. Trabalhadores e trabalhadoras no TR Campos e Lagos na região da Baixada Maranhense: condições de vida e de trabalho / Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT/MA, Colegiado Territorial do Território dos Campos e Lagos. Instituto Formação, São Luís, 2010. 212 p
- _____. et. al. PTDRS - TR Campos e Lagos Instituto Formação/MDA, São Luís, 2012.
- _____. & ROSAR, Maria de Fatima Felix (org.). CIP Jovem Cidadão II. Instituto Formação, São Luís, 2006.